

MOBILIDADE HUMANA E SUBJETIVIDADE: Por uma psicologia da deriva

Gislene Maia de Macêdo

Doutora em Psicologia (Instituto de Psicologia/USP)
Professora Adjunta da Universidade Federal do Ceará

Nila Mara Cunha Carvalho

Estudante do curso de Psicologia da UFC

SOBRE AS CONVERSAS

O estudo preliminar aqui relatado é uma das ações do projeto de extensão *A Estrada de Quem Vê Passar: Subjetividades em trânsito*, embrião de documentário etnográfico sobre mobilidade humana e subjetividade na região Norte do estado do Ceará. Integra uma das ações do Laboratório de Identidade, Cultura e Subjetividade, Laicus (UFC/Sobral)¹ contribuindo para a expansão das atividades acadêmicas do curso de Psicologia, sobretudo nas áreas de Psicologia Social e Antropologia, como forma de integrar ensino, pesquisa e extensão. Utiliza de métodos relacionados a recursos áudio visuais com linguagens, narrativas e saberes amplos, implicando, além da psicologia social, a antropologia visual, geografia humana, sociologia, urbanismo e políticas públicas de mobilidade.

Como um ensaio preparatório para ações mais amplas do projeto e como atividade de inserção em campo da estudante bolsista de extensão, o estudo estabelece uma diálogo interativo entre conceitos e realidade local.

MAPAS & CAMINHOS

A abordagem ao tema, concebidas originalmente no Projeto *Estrada*, se faz por meio de formulações conceituais sobre a relação entre mobilidade como atributo humano e as dimensões subjetivas no enlace da transitoriedade. Essa temática é um esforço teórico e epistemológico de reconhecimento de um campo de saber relevante ao mundo contemporâneo, onde o movimento, o transitório, a velocidade e o tempo volatizam as experiências humanas de viver e conviver (Sennet, 1994).

¹ Também inscrito como grupo de pesquisa da Plataforma Lattes do CNPq

Algo acontece com os sujeitos no movimento que é mais que o próprio movimento. É, além disso, um pacto silencioso de suas múltiplas formas de significação dos espaços, paisagens e de si mesmos. A expectativa que o movimento nos trás como possibilidade de ir para outro lugar, é a mesma de, por lá, colocar-se como um *outro* que reinventa a sua própria existência (Macêdo, 2006).

A percepção de si, no entanto, não está colocada como restauradora da identidade. Diante dos muitos “barulhos” do mundo que nos cerca, a percepção é ainda privação sensorial porque se dá de forma fragmentada, limada do inteiro, do íntegro do espaço e de si mesmo. Os espaços monótonos, sinalizados, previsíveis são paradoxais diante das idéias de corpo e liberdade de movimentos (Sennet, 1994).

O corpo supostamente livre se sujeita às vivências cotidianas tornando-se dócil e passivo em relação ao espaço. Num espaço que comporta sensações de mobilidades rápidas ao mesmo tempo em que evidencia sujeitos inertes, o movimento acontece por motores e o corpo condiciona-se às operações mecânicas ou são simplesmente levados. Os meios de comunicação, o mundo cibernético, as relações virtuais ou mesmo transportes mais velozes, mas potentes que nos coloca no movimento sem que o corpo se mova de fato (Virilio, 1996; Virilio, 1993, Bauman, 2001) demonstram como a ilusão de velocidade é confundida com a ilusão de movimento.

Proclama-se freqüentemente que nesta era de ubiqüidade da informação as novas tecnologias abrem ao homem a possibilidade de uma reflexão e de uma inteligência coletivas. Entretanto, quando este mesmo homem está nas ruas das cidades-rodovias, o que ocorre? Uma regressão desconcertante: ele é levado a conceber o outro como um estrangeiro ameaçador e a manter sua individualidade a salvo do contato com o outro. Se a interatividade entre homem e máquina ocorre no espaço virtual e privado das moradias e instituições – o que implica compartilhar experiências –, no espaço geográfico das ruas, compartilhar qualquer coisa tende a ser uma utopia. (Sant’Anna, 2001, p.48)

Então o que é mesmo esse *espaço*? A questão parece remeter à forma como ocupamos o espaço, o entorno, as cercanias, como o transpomos, como o percebemos e a nós. Pensando o significado da ida de Petrarca ao monte Ventoux, Besse (2005) retoma Sto. Agostinho para ilustrar a relação do poeta com o espaço e diz: *O espaço é o intervalo, a distância (op. cit., p.14)*. Defende que a “distância” é a distância de si. Portanto, é preciso

negar o espaço para ser. Na ambivalência entre estar em movimento e ficar, Besse nos instiga ao desafio: “Sob a aparente coordenação moral do espaço se faz talvez enfim ouvir, discretamente, uma reivindicação psicológica: a esperança de ser evasão” (*ibidem*, p. 15). Não conseguindo ficar, nos resta ir e re-significar nossas experiências com o espaço.

Para Santos (2006) “O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como um quadro único no qual a história se dá” (p.63). Sistemas de ações e de objetos interagem atribuindo dinamismo a conformação e transformação do espaço. As relações que mantemos com os lugares configuram os espaços e os atribuem significados tanto individuais como sociais e coletivos.

Carros avançam em nossa direção: eis o épico contemporâneo. Ítaca na esquina, Odisseu o mendigo lendo um anúncio travado no chão. Brisa de buzinas o atordoando, atraindo-o para o fluxo & atropelo. Da sinagoga slogans na multidão de rostos anônimos. Ele é o herói transubstanciado de outras eras, ou uma hera plugando o meio das coisas com o que sua flora de aço, voracidade, revela: não há silêncio, luzes traçam linhas de fuga, teu rosto fugaz atrás dos vidros, mancha de detalhe, disparo. Tudo sucede por fluxo e acumulação. Prolifera, fera, néon das lojas de conveniências, você sob eterna vigilância, e as imagens, as imagens. O minuto pede pra ser consumido como mais uma comodidade (impossibilidade) por isso precisa ser veloz, para que a morte não tenha como amortecer as interrupções que a ferem até sangrar para que a verdade não tenha tempo de instalar seu leão de gerânios, sua folha de erva e visão. Pense em Agora e toda uma rede se instala em seu cérebro. Este perfume vindo da vitrine lembra uma idéia, e se estilhaça no instante necessário para que o tempo pare. (Lopes, *Cityscape*, 2004)

Os espaços, os ambientes construídos, demarcam as rotas que os sujeitos devem seguir. O cotidiano e a vivência nos espaços os transfiguram e os fazem funcionar a revelia das necessidades humanas. Autores como Marc Auge defendem a idéia de que a experiência contemporânea de locomoção, de ser transportado também transforma o lugar em *não-lugar*, dessensibiliza os sujeitos na sua relação com o espaço transformando-o em mero lugar de passagem. No processo de individuação, os sujeitos se integram ao espaço e buscam delimitações de lugares, territórios, referências geográficas que também incidem sobre a construção de referências da cultura, um *lugar antropológico* (Augé, 1994).

[...] a organização do espaço e a constituição dos lugares são, no interior de um mesmo grupo social, uma das motivações e uma das modalidades das práticas coletivas e individuais [...] Reservamos o termo “lugar antropológico” àquela construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta, somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social [...] (*op. cit.*, p. 50-51)

Para Augé, sob o olhar antropológico, os lugares possuem pelo menos três características em comum: são identitários, relacionais e históricos. Pelo olhar da psicologia, acrescenta-se ainda que os lugares são **subjetivos**, subjetivados, uma vez que a cada momento os resignificamos, a cada movimento nos reapropriamos deles e de nós mesmos. Essa análise nos permite avançar no paradoxo fixação-nomadismo e em que marca cultural e ideológica estão assentados os modelos de ir e vir. Em situações de transitoriedade que se colocam como permanentes no cotidiano, as subjetividades vão se constituindo nos traçados da geografia dos lugares e nos percursos diários, numa tentativa de tornar a vida viável, possível.

Como lugar antropológico considera-se a geometria e a geografia como demarcação de itinerários. Subjetivamente, as atribuições de sentidos dos itinerários, eixos ou caminhos refletem a forma como estabelecemos relações e nos fazemos existência. Deslocamos de um lugar a outro mais que o corpo e as coisas carregadas. Deslocam-se junto uma idéia do lugar aonde vamos. Entre um lugar e outro lugar, mediados pelo movimento, está a paisagem, a passagem, o *não-lugar*, como caracteriza Augé:

Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar. (*op. cit.*, p.73).

Sob protesto de alguns autores (Santos, 2004, Costa, 2007) Augé caracteriza nesse meio, nesse entrevero, os lugares da supermodernidade, que se desarticularam do lugar antropológico, desintegraram as relações identitárias, relacionais e históricas e produziram espaços vazios de sentido. A tensão presente entre lugar e não-lugar decorre de oscilações inconstantes entre estar e não-estar. Augé especifica as medidas (ou desmedidas) do não-lugar citando os modos presentes para garantir deslocamentos: vias aéreas, ferroviárias, rodoviárias para citar alguns.



Foto: Arquivos do projeto *Estrada*, BR 222, sentido Itapajé, 2007

Assim, objetivamente, como discutido por Macêdo (2004), muito do movimento se dá em função do trabalho, da produção, do rendimento. Os espaços de circulação se tornam relevantes, sobretudo, por causa do escoamento de mercadorias, o que faz girar a economia, gerando uma fluidez seletiva e desigual (Santos e Silveira, 2000). Resgatando o pensamento de Richard Sennet, Mello (1998) afirma que o uso do espaço público ficou vinculado a uma idéia de “aceitação do espaço como contingente ao movimento, como derivação dele”. A concepção dos espaços fica, assim, condicionada à da locomoção.

Em detalhada revisão sobre os conceitos de territorialização, Costa (2007) analisa o pensamento de Deleuze e Guattari e identifica nos autores a noção de espaço como processo, devir. Na cartografia da multiplicidade de conceitos, Deleuze e Guattari constituem e desintegram a concepção de território e problematizam radicalmente os processos de desterritorialização, passíveis de serem vividos pelos indivíduos e grupos, considerando 3 linhas de segmentaridade: rígida ou molar (sedentário), flexível ou molecular (migrante) e as linhas de fuga que representam a “desterritorialização absoluta” (nômade). Esta última, permitiria uma (des)articulação entre espaço e movimento/mobilidade que levaria ao encontro com o desconhecido, o acaso ou o que ainda não existe. Nesse possível encontro se reorganizam as formas de agenciamentos maquínicos de corpos e coletivos de enunciação num movimento constante de desterritorialização e reterritorialização.

Na perspectiva de Augé, o espaço reificado transforma-se em *não-lugar*. Os sujeitos, objetivados, transitórios, recebem outras nomenclaturas: condutores, pedestres, ciclistas,

motociclistas, passageiros, andarilhos transeuntes, itinerantes... Um tipo de mobilidade, coisificada, assume a função de transportar e de garantir o acesso aos bens e serviços. O movimento do corpo, pragmático, repetitivo, ausente, dissocia os sujeitos de si mesmos. O espaço é como um jogo onde os indivíduos o atravessam, estabelecem uma relação ilusória com a paisagem e passam como espectadores solitários do cenário.

[..] surge uma outra experiência de subjetividade, aquela que deriva não de uma vontade, de um desejo, de uma iniciativa, de um lapso de um sujeito constituído (ainda que ausente) mas dos automatismos do dispositivo técnico. (Machado, 2007)

Tomando como referência a análise de Costa (2007), em Deleuze e Guattari a relação sujeito-lugar-espaço é mais variação de gradação e intensidade de movimento no constante processo de desterritorializar-se e reterritorializar-se que uma circunscrição geográfica do lugar. Numa concepção Augetiana a experiência do corpo passivo inviabiliza nossa relação afetiva com os outros corpos, num espaço por si só fragmentado e desarticulador. No pensamento de Deleuze e Guattari, contrapontos entre lugar e não lugar são inoperantes, uma vez que o movimento é inerente aos modos de subjetivação engendrados na própria concepção de território desses autores.

Ao que podemos chamar de subjetividades em trânsito, os processos de percepção de realidade móveis que desafiam os sujeitos a elaborar sentidos sobre suas experiências e fazer escolhas rápidas, tanto quanto a vivência contemporânea de velocidade.

[...] esses processos são uma criação humana, os quais, integrando os diferentes aspectos do mundo em que o sujeito vive, aparecem em cada sujeito ou espaço social concreto de forma única, organizados em seu caráter subjetivo pela história de seus protagonistas. (Rey, 2003)

Em trânsito, os sujeitos desenvolvem um pensar e um agir envoltos em contextos conflitantes, contraditórios, incompletos, fragmentados. Os espaços que proporcionam circulação, por vezes, confundem as subjetividades, demarcam sentidos e significações fugidios, transitórios. É preciso instigar a restauração do *espaço subjetivo*. Sair do falso nomadismo onde tudo circula (músicas, chips, pessoas, automóveis), onde milhares de corpos estão sempre de passagem, e, no entanto, tudo também parece estar fixo, imóvel, imutável. Evadir-se na busca do re-estabelecimento de vínculos, da produção de sentidos que

atribuímos aos espaços, como sugere Gattari (*apud* Sant’Anna, 2001), e recriar as relações com os lugares, com os que neles se encontram e com os próprios sujeitos.

Justo (2000), discutindo a condição de itinerância no mundo contemporâneo, menciona o fenômeno da “movimentação humana” para designar a transposição de espaço-tempo que incide sobre o sujeito. Numa sociedade atual que tem no movimento e na circulação do capital uma de suas maiores fontes de sobrevivência, o homem também passou a ser tratado como mercadoria. Dessa forma, as fronteiras geográficas, econômicas, culturais e também as psicossociais estão sendo modificadas, alargadas e tornadas mais porosas favorecendo um trânsito maior de um espaço a outro.

Assim, a vida vai sendo constituída por situações em trânsito, colocando o homem na condição de eterno viajante, que, ao mesmo tempo em que se desloca, vai tentando satisfazer suas necessidades e realizar seus desejos. É comum usar o telefone celular, folhear jornal, checar a agenda, comer, enquanto se está dirigindo. O tempo não pára, é preciso se deslocar. Esse modo de vida tem provocado a fragmentação dos sujeitos e, conseqüentemente, o seu adoecimento. Para Justo (*ibidem*) as implicações imediatas à subjetividade humana apontam para o sujeito móvel, para cotidianos espacializados (situações em trânsito) e para interações impessoais.

Se esse cenário é mesmo real, ainda há pouco ou quase inexistente acúmulo de conhecimento científico que possibilite a inversão da lógica instituída. Mesmo as referências apresentadas nesse artigo carecem de mais análises e aproximação das realidades locais, regionais. O que se busca aqui é o estabelecimento de um *lugar* epistemológico, antropológico, psicológico e, sobretudo, *subjetivo* a respeito do que designamos como *mobilidade humana* de nosso tempo. Perscrutar essa realidade de forma fluida e atenta, parece caracterizar o que inventamos ser uma psicologia da deriva. Uma forma de estar em campo que permite imersões e compreensões atravessadas pelo sensível ao mesmo tempo em que avista docas do pensamento onde possa buscar referencias para aportar ou continuar navegando.

O ENCONTRO COM UM LUGAR

A dureza da realidade do sertão do Ceará produz mais do que a seca e a pobreza. Produz também beleza, poesia, sujeitos e subjetividades com agir e pensar próprios, formas de existir singulares. Singularidade no modo de viver, de se expressar, de se emocionar, de produzir, de trabalhar, de existir. Seus modos de vida também são registros da forma como se apropriam da geografia e demarcam suas identidades. Essas formas de subjetivação, peculiares, podem ser evidenciadas no discurso. Ao contar suas histórias, seus percursos, os sujeitos expressam ainda mais a riqueza de seus universos. As condições climáticas do lugar conferem ao solo tons diferenciados que vão do terra ao verde intenso, refletindo o período chuvoso ou a seca. Mudam os hábitos dos que habitam e dos passantes e novamente surpreendentes dinâmicas revelam culturas, valores, identidades, conferindo unicidade às pessoas e ao lugar.

Comungando com as indagações de Costa (2007, p. 97) sobre os sentidos da mobilidade em nossos tempos, o que nos inquieta nessa temática é problematizar o que acontece com os sujeitos nas fronteiras do processo territorialização-desterritorialização-reterritorialização. À deriva, na perspectiva do acaso, atentamos o olhar às movimentações cotidianas da cidade de Sobral e cercanias, descobrimos narrativas que chamamos de poéticas dada a profunda relação com o fazer(se) campo e suas múltiplas possibilidades de resignificação.

EM BUSCA DE ALGUMAS RESPOSTAS

Dadas as crescentes transformações econômicas e sociais na região norte do Ceará, principalmente na cidade de Sobral e cercanias, as formas de vida dos lugares, das pessoas e das relações são inevitavelmente alteradas. Indústria, comércio, educação mobilizam e desencadeiam movimentos, trânsitos e deslocamentos mais intensos e constantes. Na subida e descida da serra da Meruoca, transportes coletivos improvisados carregam pessoas; pela cidade de Sobral bicicletas, motocicletas, carros (cada vez em maior quantidade); por ela caminhões, ônibus que vem de algum lugar e vão a outros. Com as universidades, a cada semestre mais e mais novos moradores, que utilizam a cidade como lugar de passagem e/ou como habitação para o trabalho, para o estudo, para o lazer. Nos percursos que levam até

Sobral, as estradas diversas mediam distâncias, espaços, velocidades, subjetividades em trânsito.



Foto: Gislene Macêdo, subida da serra da Meruoca, 2007

No entanto, o que ocorre com os sujeitos nesse movimento constante é algo a se descobrir. Se, como exposto na revisão de literatura, o movimento produzido pela supermodernidade instaura o não-lugar é intrigante observar como isso acontece em regiões distintas das dos teóricos utilizados. Os deslocamentos realizados no cotidiano dos lugares se, por um lado, não acontecem como há 20 (vinte) anos atrás, por outro, mantêm alguns hábitos congelados no tempo. Ainda se vê paus-de-arara, capatazia, andarilhos pela rodovia federal, ônibus que levam e trazem os estudantes das cidades vizinhas, incontáveis motocicletas utilizadas como taxi e como transporte familiar (comporta até 4 pessoas, incluindo crianças), trabalhadores que vêm de Fortaleza e arredores nos ônibus intermunicipais, muitas bicicletas, superlotando as avenidas no fim dos turnos industriais.

A confluência do contemporâneo com o antigo é incorporado ao cotidiano das pessoas de forma quase natural, sem resistência. A passividade do corpo denunciada por Sennet (1994), os não-lugares (in)definidos por Augé, a itinerância abordada por Justo (2000), as questões postas em Macêdo (2005 e 2006) parecem estar presentes nos lugares, nos espaços, nos movimentos, na estrada e nas subjetividades em trânsito.

Se há de fato um processo de dessensibilização do corpo, do sujeito movente, é bem possível que a formação de vínculos com a paisagem, com os lugares (identitários,

relacionais, históricos e subjetivos) e com os espaços esteja danificada em sua constituinte, na dimensão do que é humano. Se assim o for, essa mobilidade humana reificada destitui os afetos, desumaniza, desintegra. As conseqüências e a magnitude de tal impacto podem ser imediatamente sentidas no movimento ansioso dos deslocamentos, nas ocorrências de trânsito (onde o acidente é sintoma da falta de contato), na agressividade trocada em espaços públicos, no isolamento, na volatização das relações e nos modos de subjetivação que reproduzem modelos ilusórios de velocidade e competitividade.

Que experiência desintegradora é essa e como ela é vivida pelos sujeitos? Como integrar o que se desintegra à medida que nos deslocamos? Como re-significar os espaços e a mobilidade? As questões aqui levantadas motivam o projeto de extensão e balizam os estudos preliminares de *A estrada de quem vê passar...*

A ESCOLHA DA FORMA E O ENCONTRO COM O OUTRO

No estudo (sempre) em andamento a atenção ao campo adota referências metodológicas próprias à discussão em torno do movimento: a imagem, o som e as pessoas em movimento. A escolha implicou a compreensão da ciência como criação: a utilização de recursos audiovisuais como registro psico-etnográfico do movimento e das subjetividades em trânsito. Como disse Cole (2007) à guisa da construção do conhecimento como experimentação...

[...] em um processo de criação, o autor levanta hipóteses, de naturezas diversas, e as testa. Esse processo gera uma série de possibilidades, sobre as quais o criador opera ajustes e a partir das quais promove escolhas e decisões. [...] Nesta dinâmica de exploração da realidade, a experimentação tem um papel fundamental, está diretamente relacionada com o trabalho, é a ação que imprime na matéria possibilidade de expressão e constituição de sentidos. (op.cit., p. 121)

Apesar da poética metodológica, cabem as questões: Como edificar uma área de conhecimento tendo em mãos as fragilidades inerentes ao desconhecido? Se não pelo risco de aprender, o que mais poderia incomodar o pesquisador a tal ponto que o faça se lançar aos desafios da criação? Essas indagações refletem não só o caráter inusitado do tema e da forma de abordá-lo academicamente. Adianta-se às experimentações metodológicas e articulação de saberes, contribuindo para novas análises e dissensos necessários ao processo dialético da

busca pelo conhecimento. Apostando na deriva atenta e, enquanto arvoramos o desafio da criação na ciência, vale o desfecho temporário desse trabalho com o Hai Kai de Alice Ruiz:

*Que viagem
ficar aqui parada!*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Augé, M. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*, Campinas, SP: Papyrus, 1994 (5ª ed., 2005).
- Bachelard, G. *O novo espírito científico*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1934 (3ª ed., 2000).
- Bauman, Z. *Modernidade líquida*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- Besse, J-M. *Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*, São Paulo: Perspectiva, 2006.
- Cole, A. ‘A arte do documentário: notas sobre o audiovisual, a antropologia visual e o processo de criação’, em *Antropologia visual e hipermedia*, Ribeiro e Bairon (Orgs.), Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 2007, pp.109-123.
- Costa, RH da. *O mito da desterritorialização: do ‘fim dos territórios’ à multiterritorialidade*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007
- Gervaiseau, HA. *A atualidade da imagem e a imagem da atualidade*, Doc On-line, n. 01, Dezembro 2006, www.doc.ubi.pt, pp. 139-163.
- Justo JS. ‘Saúde mental em trânsito: loucura e condição de intinerância na sociedade contemporânea’. In: Boarini ML et al, organizadores. *Desafios na atenção à saúde mental*. Maringá: Eduem, pp. 9-29, 2000.
- Lopes, RG. *Nômada*, Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.
- Macêdo GM de. *Estudo das relações entre o nível de habilidade e direção segura, a irritabilidade e o cometimento de violações e erros do motorista e o seu possível envolvimento em acidentes de trânsito*. São Paulo [Tese]. São Paulo: Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2005.
- Macêdo, GM de. ‘Subjetividade e conflitos no trânsito urbano: desafios às políticas públicas de educação e promoção de saúde’, *Cadernos ESP*, Ceará, 2(1): 20-8, jan./jun. 2006.

- Machado, A. *O sujeito na tela*, São Paulo: Paulus Editora, 2007.
- Mello, KRC de. *Transporte urbano de passageiros: As contradições do poder público*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia, 1998.
- Rey, F.G. *Sujeito e subjetividade*. São Paulo, Pioneira Thomsom, 2003.
- Ribeiro, J da S e Bairon, S (Orgs.). *Antropologia visual e hipermedia*, Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 2007.
- Sant’Anna, DB de. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*, São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- Souza, BS. *Um discurso sobre as ciências*, São Paulo: Cortez Editora, 1987 (4ª ed., 2006)
- Santos, M. *A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção*, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996 (4ª edição, 2ª reimpressão 2006)
- Sennet, R. *Carne e pedra*, Rio de Janeiro: Record, 1994 (2ª ed., 2001).
- Virilio, P. *A arte do motor*, São Paulo: Estação Liberdade, 1996 (2ª ed.).
- _____ *O espaço crítico*, São Paulo: Editora 34, 1993.